novena de
NATAL
por Santo Afonso

MEDITAÇÃO PARA O 7º DIA DA NOVENA DE NATAL DE SANTO AFONSO
O VERBO ETERNO DE FELIZ SE FEZ PADECENTE.

Et erunt oculi tui videntes Praeceptorem tuum.
Os teus olhos estarão sempre vendo o teu Mestre (Is 30,20).

Tudo o que há no mundo, diz S. João, é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e orgulho da vida. Eis as três más paixões que se apoderaram do homem e o dominaram depois do pecado de Adão: o amor dos prazeres, o amor das riquezas e o amor das honras, do qual nasce o orgulho. O Verbo divino veio à terra ensinar-nos por seu exemplo a vencer esses três inimigos de nossa alma: para ensinar-nos a mortificação dos sentidos, oposta ao amor dos prazeres, de feliz Ele se fez padecente; para ensinar-nos o desapego dos bens terrenos, oposto ao amor das riquezas, de rico Ele se fez pobre; e enfim, para ensinar-nos a humildade, oposta ao amor das honras, Ele, o Altíssimo, se rebaixou.
Trataremos esses três pontos nos três últimos dias da Novena; hoje falaremos do primeiro.
Nosso Redentor, pois, veio ensinar-nos, mais pelo exemplo de sua vida do que por sua doutrina, a amar a mortificação dos sentidos; e é por isso que de feliz que Ele é e sempre foi, se fez padecente. Consideremos bem essa verdade, e peçamos a Jesus e Maria nos iluminem.

I.

O Apóstolo, falando da divina beatitude, chama a Deus o único feliz e poderoso. E com razão, porque toda a felicidade que nós, suas criaturas, podemos gozar, não é senão uma mínima participação da felicidade infinita de Deus; os bem-aventurados do céu encontram nela a sua beatitude, isto é, no entrar no oceano imenso da beatitude de Deus: Entra no gaudio de teu Senhor. Esse é o paraíso que o Senhor dá à alma quando entra na posse do reino eterno.
Quando Deus no princípio criou o homem e o colocou na terra, a sua intenção não era que ele padecesse, pois segundo a Escritura: Ele o pôs num jardim de delícias, para de lá passar ao céu, onde devia gozar eternamente a glória dos bem-aventurados. Mas o homem infeliz com o pecado se tornou indigno do paraíso terrestre, e se fechou as portas do paraíso celeste condenando-se voluntariamente à morte e aos sofrimentos eternos. Ora, o Filho de Deus resolveu livrar o homem de ruína tão funesta, e que fez? Ele que era feliz e cuja felicidade era infinita, quis submeter-se às dores, a penas de toda a sorte.
Nosso divino Redentor poderia arrancar-nos das mãos dos nossos inimigos sem sofrer. Mesmo vindo à terra, poderia gozar, como no céu, a felicidade e passar sua vida em delícias e nas honras que são devidas ao Rei e Senhor do universo. Uma só gota de sangue, uma lágrima que Ele oferecesse a Deus em nosso favor, teria bastado para resgatar o mundo e uma infinidade de mundos: "O menor sofrimento de Jesus Cristo, diz S. Tomás, teria realizado uma redenção suficiente devido à dignidade infinita de sua pessoa". Mas não: Sendo-lhe oferecido o prazer, escolheu a cruz, renunciou a todas as honras e a todos os prazeres e abraçou na terra uma vida cheia de sofrimentos e ignomínias.
Sem dúvida, diz S. João Crisóstomo, o homem poderia ser resgatado por um ato qualquer do Verbo encarnado; "mas o que bastava à nossa redenção não bastava ao seu amor por nós". E como quem ama quer ser amado, Jesus Cristo para ver-se amado do homem, quis padecer muito e escolher uma vida de sofrimentos a fim de obrigar o homem a amá-lo muito. O Senhor revelou a S. Margarida de Cortona que jamais teve em sua vida a menor consolação sensível. Segundo a predição de Jeremias, a vida de Nosso

Senhor foi semelhante ao mar, que é todo amargo e salgado, sem uma só gota de água doce. Isaías tinha pois razão de chamá-lo Homem de dores, como se no mundo só tivesse de sofrer. Segundo S. Tomás, Jesus Cristo tomou sobre si não simples dores mas o cúmulo da dor; isto é, quis ser o homem mais aflito que jamais viveu ou apareceu neste mundo.

E, com efeito, o Homem-Deus veio à terra expressamente para sofrer; é para isso que tomou um corpo afeito à dor. En- cerrando-se no seio de Maria, como no-lo ensina o apóstolo, Ele fala assim a seu Pai celeste: Não quisestes hóstia nem oblação, mas me formastes um corpo. Isto é: Meu Pai, rejeitastes os sacrifícios dos homens como incapazes de aplacar vossa justiça ofendida por seus pecados; destes-me um corpo, como já vo-lo havia pedido, delicado, sensível, e todo afeito ao sofrimento; esse corpo eu aceito e com gosto vo-lo ofereço, a fim que sofrendo por ele todas as penas que devem encher a minha vida e dar-me finalmente a morte na cruz, eu possa a- placar a vossa cólera contra o gênero humano, e atrair-me assim o amor dos homens.

E eis que apenas entrado no mundo começa o seu sacrifício; começa logo a sofrer, porém bem mais do que os outros homens. As crianças, quando ainda no seio materno, não sofrem porque se acham em uma situação natural; ou pelos me- nos, se padecem algum pouco, não têm disso consciência porque estão privadas de entendimento; mas o divino Infante suporta durante noves meses a obscuridade daquele cárcere, suporta a pena de não poder mover-se, e sabe perfeitamente o que sofre. Também Jeremias havia predito que uma mulher, que foi Maria, deveria ter envolto em suas entranhas, não uma criança, mas um homem. É certo que Jesus Cristo era então uma criança quanto à idade, mas era homem perfeito quanto ao uso da razão, porque, desde o primeiro instante de sua existência, era cheio, como diz o apóstolo, de todos os tesouros da sabedoria e ciência. "Jesus Cristo era homem perfeito desde o seu nascimento, escreve S. Bernardo; digo, quanto à sabedoria, não quanto à idade". E S. Agostinho: "Era sábio e maneira inexplicável, duma sabedoria unida à infância".

Sai por fim do cárcere do seio materno; talvez para gozar a vida? sai para sofrer ainda mais. Nasce no coração do inverno, numa caverna que serve de abrigo aos animais, e nasce no meio da noite e em tal estado de pobreza que não tem nem fogo para se aquecer, nem bastantes paninhos para se prote- ger do frio. Falando do presépio de Belém exclama S. Tomás de Vilanova: "Oh! que belos ensinamentos vem-nos dessa cátedra". Lá Jesus Cristo nos ensina o amor dos sofrimentos. Na gruta, observa Salmeron, tudo aflige os sentidos. Tudo aflige a vista: só se vêm pedras brutas e negras. Tudo aflige o ouvido: só se ouve a voz dos animais. Tudo aflige o olfato: só se sente o cheio repelente do lugar. Tudo aflige o tato: o divino Infante tem por berço uma manjedoura, e o seu leito é feito dum pouco de palha. — Ei-lo, esse Deus Menino, tão apertado entre as faixas que não se pode mover, Ele que veio, diz S. Zenão, para libertar o mundo. "Oh! quão abençoados, diz S. Agostinho, são esses felizes paninhos que serviram para purificar-nos das sujidades dos nossos pecados". Ei-lo, esse divino Infante, que treme de frio, que chora para dar-nos a entender que padece, e que oferece a seu Pai suas primeiras lágrimas para nos poupar os prantos eternos que temos merecido. "Lágrimas de Jesus, como sois preciosas, exclama S. Tomás de Vilanova, vós lavastes as nossas almas criminosas".

E assim sempre aflita e atribulada foi a vida de Jesus Cristo. Poucos dias depois de seu nascimento, é constrangido a fugir e exilar-se no Egito para escapar às mãos de Herodes; nesse país bárbaro teve de passar vários anos de sua infância pobre e desconhecido. Pouco diferente foi depois sua vida em Nazaré, onde residiu após a volta do Egito. Por fim foi pregado num patíbulo pelos carrascos e terminou sua vida num oceano de dores e opróbrios.

Ademais, notemo-lo bem, as dores que nosso Salvador padeceu na sua Paixão, a flagelação, a coroação de

espinhos, a crucifixão, a agonia, a morte e todas as outras penas e injúrias de que foi cumulado no fim de sua vida, Ele as sofreu desde o princípio dela, porque desde a sua conceição teve constantemente diante dos olhos o horrível quadro de todos os tormentos que deveriam assaltá-lo no momento de deixar a terra. Ele predissera pela boca de Davi: A minha dor está sempre diante de mim. Aos pobres enfermos esconde-se o ferro ou o fogo com que precisam ser atormentados para recuperarem a saúde; mas Jesus não quis que lhe escondessem os instrumentos de sua Paixão, com os quais devia terminar a vida para nos dar a vida eterna; quis ter continuamente diante dos olhos os flagelos, os espinhos, os cravos, a cruz, que fariam um dia correr todo o sangue de suas veias, e lhe causariam uma morte dolorosíssima e privada de todo o alívio.

A irmã Madalena Orsini que há muito tempo sofria grave tribulação mereceu ver um dia Jesus que lhe apareceu como Crucificado para assim confortá-la com a memória de sua Paixão e animá-la a sofrer com paciência. A serva de Deus respondeu-lhe: "Mas, Senhor, vós ficastes só três horas sobre a cruz, enquanto que eu suporto esta dor a vários anos. — Ignorante, replicou Jesus, desde o primeiro momento que estive no seio de Maria, minha Mãe, padeci no meu coração, tudo quanto sofri mais tarde sobre a cruz". — "Sim, diz Novarino, a cruz estava desde então impressa na alma do Senhor, e eis por que Isaías predisse que Ele nasceria com a marca de seu principado sobre os ombros". Por isso, ó meu Redentor, exclama Drogon de Ostia, em toda a vossa vida só vos posso encontrar na cruz. A cruz em que Jesus morreu esteve sempre presente a seu espírito para atormentá-lo. Nem o sono, diz Belarmino, livrava o seu coração dessa terrível visão.

Porém o que encheu de amarguras a vida de nosso Redentor, bem mais do que as dores de sua Paixão, foi a vista dos pecados que os homens cometeriam mesmo depois de sua morte. Os nossos pecados foram outros tantos carrascos que o fizeram viver em contínua agonia e sob o peso de terrível tristeza que seria suficiente por si só a fazê-lo morrer a cada instante. Esse é também o pensamento de Léssio: a vista da ingratidão dos homens, diz ele, causava de per si a Jesus uma dor capaz de fazê-lo morrer mil vezes.

Os flagelos, a cruz, a morte, não eram, aos olhos de nosso Salvador, objetos odiosos; ao contrário, eram-lhe caros e Ele os queria e desejava. Ele mesmo espontaneamente se ofereceu a sofrê-los, dizia Isaías; Ele não deu a vida contra a vontade, mas por própria escolha, como no-lo dá a entender com as palavras: Eu dou a minha vida por minhas ovelhas. Que digo? o seu mais ardente desejo no e curso de sua vida, foi de ver chegar o tempo de sua Paixão, em que devia cumprir-se a redenção dos homens; daí o que Ele disse na véspera de sua morte: Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco. Daí ainda aquele suspiro com que procurava, ao que parece, aliviar seu coração da espera demasiado longa: "Devo ser batizado com um batismo; e quão grande é a minha ansiedade, até que ele se conclua!" É preciso que eu seja mergulhado no batismo de meu próprio sangue, não para lavar a minha alma, mas para purificar minhas ovelhas das manchas de seus pecados; e quanto me sinto tomado do desejo de ver chegada a hora de ver-me exangue e morto sobre a cruz! — O que afligia Jesus não era o temor da morte, diz S. Ambrósio; era a demora do nosso resgate.

O Filho de Deus quis exercer sobre a terra o ofício de carpinteiro, e era conhecido como tal: Não é este o carpinteiro, o filho do carpinteiro? Num sermão sobre a Paixão, S. Zenão dá a razão dessa preferência dizendo que os carpinteiros têm sempre em mãos peças de madeira e de pregos, e que Jesus gostava de ver esses objetos que lhe representavam os cravos e a cruz, futuros instrumentos de sua morte.

Assim, repetimos, o que afligia o coração de nosso Redentor era menos o pensamento de sua Paixão, do que a ingratidão com que os homens iam pagar o seu amor. Essa ingratidão o fez chorar no estábulo de Belém. Essa ingratidão o fez suar sangue vivo com agonia de morte no horto de Getsêmani; ela o encheu de tristeza tal que bastaria para tirar-lhe a vida; Ele mesmo no-lo declarou dizendo: Minha alma está triste até a morte.

É essa ingratidão em fim que o fez morrer em abandono absoluto e sem nenhum consolo sobre a cruz. O homem incorrera em duas penas: a do dano ou da perda de Deus, e a do sentido ou do corpo; ora, segundo Suarez, Jesus Cristo quis satisfazer principalmente pela primeira; por isso foram muito maiores as penas interiores da alma do Senhor do que toas as outras do corpo.

II.

Também nós, pois, temos contribuído com nossos peca- dos a tornar tão amarga e dolorosa toda a vida de nosso salvador. Mas agradeçamos a sua bondade que nos dá tempo para repararmos o mal que fizemos.
Como poderemos repará-lo? Sofrendo com paciência as penas e as cruzes que o Senhor nos envia para o nosso bem. E o meio de praticarmos essa paciência Ele mesmo nos ensina quando nos diz: Ponde-me como um selo sobre o vosso coração, imprimi nele a imagem de vosso Salvador crucificado; — isto é: Considerai meu exemplo, as dores que padeci por vós; e assim sofrereis em paz todas as tribulações. "Coisa admirável, exclama S. Agostinho; esse Médico celeste quis tornar-se do- ente para nos curar de nossa doença com a sua". Isaías havia predito: Nós fomos sarados com as suas pisaduras. Os sofrimentos eram o remédio necessário para as nossas almas enfermas pelo pecado; não havia outro; e nosso divino Médico quis primeiro tomá-lo, ajunta o Santo Doutor, a fim que não tivéssemos repugnância de tomá-lo depois dele, nós que dele precisamos.
Daí se segue que, segundo S. Epifânio, para nos fazermos conhecer como verdadeiros seguidores de Jesus Cristo, devemos agradecer-lhe quando nos envia cruzes. E com razão, porque, tratando-nos assim, Jesus faz-nos semelhantes a Ele.
— S. João Crisóstomo acrescenta uma reflexão de grande consolação: "Agradecendo a Deus os seus benefícios, diz ele, pagamos-lhe o que lhe devemos, mas, suportando as penas com paciência e por seu amor, Deus torna-se em certo sentido nosso devedor".
E se quereis pagar a Jesus Cristo amor com amor, diz S. Bernardo, aprendei dele com o que deveis amar. Sabei sofrer qualquer coisa por esse Deus que tanto sofreu por vós. O desejo de dar gosto a Jesus Cristo e de lhe testemunhar seu a- mor fez os Santos tão ávidos e sedentos não de honras e prazeres, mas de sofrimentos e humilhações. Isso fazia dizer ao apóstolo: Longe de mim gloriar-me a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Feliz de estar unido a seu Deus crucificado, o apóstolo não ambicionava outra glória que de se ver com Ele na cruz. Isso também arrancava a S. Teresa o grito tão conhecido: "Ou padecer ou morrer!" como se dissesse: Meu divino Esposo, se quereis chamar-me a vós, eis-me pronta a seguir-vos com ações de graças; mas se vos aprouver deixar-me mais tempo na terra, não posso resignar-me a ficar sem sofrer: ou padecer ou morrer! — S. Maria Madalena de Pazzi ia ainda mais longe: "Sofrer, dizia ela, e não morrer!" isto é: Meu Jesus, desejo o paraíso para vos amar com mais perfeição; porém desejo ainda mais sofrer para compensar em parte o amor que me demonstrastes padecendo tanto por mim! — A venerável irmã Maria Crucificada da Sicília amava igualmente os sofri- mentos a tal ponto que costumava dizer: "É belo o paraíso; mas lá falta uma coisa: a dor". O exemplo de S. João da Cruz não é menos admirável: Quando Jesus lhe pareceu com a cruz às costas e lhe disse: "João, pede-me o que quiseres"; o Santo só pediu sofrimentos e desprezos: "Senhor, respondeu ele, padecer e ser vilipendiado por vós!" Domine, pati et contemni pro te.
Se não temos coragem de desejar e pedir sofrimentos, procuremos ao menos aceitar com resignação os que Deus nos envia para o nosso bem: "Onde está Deus, diz Tertuliano, está também a paciência". Dai-me uma

alma que sofre com resignação, que eu lá encontrarei certamente Deus. O Salmista declarou que o Senhor se apraz em estar perto das almas aflitas; mas isso entende-se somente daquelas que suportam suas penas com paciência e sabem resignar-se à vontade divina. E a essas almas que Deus faz gozar a verdadeira paz, que consiste unicamente, como ensina S. Leão, em unir a nossa vontade à de Deus. A conformidade à vontade divina, observa S. Boaventura, é como o mel que torna doces e amáveis também as coisas amargas. A razão disso é que, quem obtém tudo o que quer, nada mais tem a desejar, e por isso, diz S. Agostinho, deve ser feliz. Assim, quem não quer senão o que Deus quer, está sempre contente, porque então obtém tudo o que deseja, pois que nada acontece que não seja querido por Deus. E quando Deus nos envia cruzes devemos não só resignar-nos à vontade divina, mas também agradecer-lhe; pois é isso um sinal de que Ele nos quer perdoar os nossos pecados e salvar-nos do inferno que temos merecido. Quem ofendeu a Deus deve ser castigado mais cedo ou mais tarde; peçamos-lhe pois nos castigue nesta vida e não na eternidade. Ai do pecador que no mundo prospera em vez de ser punido! Que Deus nos preserve da misericórdia de que fala Isaías quando disse: Façamos misericórdia ao ímpio. Senhor, exclamava S. Bernardo, não quero essa misericórdia; é o mais terrível de todos os castigos. Quando Deus não pune um pecador nesta vida, é sinal que deixa para puni-lo na outra, onde os castigos são eternos.

Vendo Jesus Cristo morto na cruz, diz S. Lourenço Justiniano, devemos considerar o grande dom que Ele nos fez derramando seu sangue para nos resgatar do inferno, e reconhecer ao mesmo tempo a malícia do pecado, que levou um Deus a morrer assim para obter o nosso perdão. — "Ó Deus eterno, exclama Drogon, nada me apavora tanto como ver vosso divino Filho golpeado de morte tão cruel por causa do pecado".

Quando, pois, após o pecado recebemos de Deus algum castigo temporal, consolemo-nos vendo nele o penhor de sua disposição para nos fazer misericórdia na vida futura. O só pensamento de havermos desgostado a um Deus tão bom não nos deve porventura, se o amamos, tornar-nos mais contentes por ver-nos punidos justamente do que gozássemos todas as prosperidades e todos os bens do mundo? Essa reflexão é de S. João Crisóstomo. Quem ama verdadeiramente, ajunta ele, aflige-se mais com ter contristado a pessoa amada do que com ver-se castigado.

Ainda uma vez, consolemo-nos nos sofrimentos; e se todas essas considerações não bastarem para nos restituir a paz, dirijamo-nos a Jesus Cristo; Ele mesmo nos consolará segundo a sua promessa: Vinde a mim todos os que sofreis e estais acabrunhados, e eu vos aliviarei. Se recorrermos ao Senhor, ou Ele nos livrará das nossas penas, ou nos dará a força de suportá-las com paciência. Ora, esta última graça é preferível à primeira, porque pela paciência na tribulação, além de expiarmos as nossas faltas nesta vida, merecemos ainda um novo grau de glória eterna no paraíso.

Nas nossas aflições e desolações, dirijamo-nos também a Maria, que é chamada a Mãe de misericórdia, a causa da nossa alegria e a consoladora dos aflitos. Lancemo-nos aos pés dessa boa Rainha que, como diz Lanspérgio, abre a todos o seio de sua maternal ternura, e não permite se retire alguém de seus pés triste e sem consolo. Segundo S. Boaventura, o seu ofício é compadecer-se de nossos males. Quem a invoca, diz Ricardo de S. Lourenço, acha-a sempre pronta a socorrê-lo. E com efeito quem implorou a sua assistência, pergunta Eutíquio, e foi jamais por Ela abandonado?

Afetos e Súplicas.

S. Maria Madalena de Pazzi prescreveu a duas de suas religiosas se conservasse, durante as festas de Natal, aos pés do divino Infante, para fazerem junto dele o ofício dos animais que o acalentaram com seu hálito, quando Ele tiritava de frio no estábulo: elas deviam acalentá-lo com louvores de amor, com ações de graças e suspiros de amor saídos de seus corações inflamados. — Meu caro Redentor, oxalá pudesse também eu exercer esse ofício. Sim, louvo-vos meu Jesus, louvo vossa misericórdia infinita, louvo vossa caridade infinita, que vos honra no céu e na terra, e uno minha voz à dos anjos para cantar com eles: Glória a Deus no mais alto dos céus. Rendo-vos graças por todos os homens, e especialmente por mim mesmo, mísero pecador. Que seria de mim, que esperança de perdão e de salvação poderia eu ter, ó meu Redentor, se não descêsseis do céu para salvar-me? Eu vos louvo, pois, eu vos agradeço e vos amo. Amo-vos mais do que todas as coisas, amo-vos mais do que a mim mesmo, amo-vos de toda a minha alma e dou- me todo a vós. Recebei, divino Infante, e aceitai esses atos de amor; e se eles são frios por saírem dum coração gelado, acalentai este pobre coração, este coração que vos ofendeu, mas que se arrepende. Sim, Senhor, arrependo-me sobre todas as coisas de vos haver ofendido, a vós que me haveis amado tanto. Agora não desejo senão amar-vos; eis a única coisa que vos peço: dai-me o vosso amor, e fazei de mim o que vos aprouver. Fui um tempo mísero escravo do inferno; mas hoje que estou livre dessas funestas cadeias, consagro-me inteiramente a vós: consagro-vos o meu corpo, os meus bens, a minha vida, a minha alma, a minha vontade, e toda a minha liberdade. Já não quero ser meu, mas só vosso, meu único bem. Dignai-vos prender a vossos pés meu pobre coração, a fim que não se separe jamais de vós.
Ó Maria, minha Santíssima Mãe, impetrai-me a graça de viver sempre nas felizes cadeias do amor do vosso adorável Filho. Dizei-lhe que me aceite por escravo de seu amor; Ele faz tudo o que lhe pedis. Rogai, rogai por mim. Assim o espero.

Santo Afonso Maria de Ligório
Obras Espirituais Selecionadas
Organização de textos: Pe. Flávio Cavalca de Castro, C.Ss.R.
Editora Santuário

A12 .com / novenaporsantoafonso